

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XII

HOMENAGEM AO DOUTOR PAULO MERÊA

VOLUME I



COIMBRA / 1969

Ceuta cercada: um problema cronológico

Na segunda quinzena de Agosto e na primeira de Outubro dum dos anos próximamente subsequentes à conquista, sofreu Ceuta dois cercos de muçulmanos. Quando? Em 1418 ou em 1419, pois ambas estas datas têm tido defensores; sendo importante optar por uma ou outra dessas datas, não só por tratar-se dum interessante pormenor da história portuguesa de Ceuta, mas também, e talvez sobretudo, por disso pender a fixação cronológica do início da ocupação portuguesa do grupo insular madeirense, realizado por Zarco e Teixeira.

Culpado dessa dúvida foi o cronista Gomes Eanes de Azurara, por ter variado na atribuição cronológica dos sucessos. Com efeito, ao referir-se a esse assunto no cap. 83.º da *Crónica dos feitos da Guiné*, e tendo aludido à conquista de Ceuta lem 1415, acrescenta que *«depois, a cabo de três anos, veio sobre a cidade grande poderio de mouros, cercando-a por mar e por terra»*. Essa mesma indicação, que corresponde a 1418, foi por ele repetida anos depois, no capítulo 621.º do livro 1.º da *Crónica de D. Pedro de Meneses*, e quase pelas mesmas palavras, mas acrescidas da menção do dia e do mês em que ocorreram os preliminares do primeiro cerco: *«Três anos, ou poucos dias menos, durou a Cidade e os fronteiros dela obrando estas cousas que até qui temos contadas, no qual tempo, posto que os mouros nom viessem realmente cercar a cidade, nom créais que fosse por rrúnga de vontade nem sentido que perdessem de sua perda e desonra; mas seguiu-se que sempre depóis antre eles houve mui grandes guerras; ... e seguiu-se que, um domingo que eram treze dias do mês de Agosto, a hora de prima, as atalaias fizeram sinal que haviam vista de gente.»* Porém em posteriores páginas da mesma obra, no capítulo 5.º da parte 2.º, já indica o ano de 1419, escrevendo o seguinte: *«Como melhor podemos aprender assi pelos escritos daqueles que primeiramente tomarom cuidado de poerem estes feitos em nembrança, como pelas cartas que o Conde escrevia a este Regno, e também por aqueles que là esteveraõ, achamos que Cepta foi tomada em mês de*

Agosto do ano do Nascimento de nosso Senhor Jesu Cristo de mil quatrocentos e quinze anos, e foi cercada em outro mês de Agosto de mil quatrocentos e dezanove anos, e assi que correrom quatro anos antre a tomada e o cerco».

Antes de prosseguir, convém que se refira como tudo se passou, seguindo o relato de Azurara <¹>, que é, aliás, a fonte de conhecimento de tais sucessos. Desde o domingo em que os mouros se acercaram de Ceuta, até quinta-feira, combateu-se lencarniadamente, mas então os sitiados, convencendo-se da inutilidade dos ataques dados à praça, começaram a retirar, sendo perseguidos e em grande parte mortos pelos portugueses. Mas já no segundo dia de combates, enviara o Conde D. iPedro de Mieneses para Portugal, na previsão do pior, cartas notificando o aperto em que se achava. Na terça-feira da semana seguinte à dos combates, recebeu o Conde D. Pedro de Menezes cartas de Tarifa que lhe anunciavam estar o rei de Granada preparando uma expedição destinada a dar novo combate a Ceuta; então julgou conveniente passar aviso disso a Portugal e em tal sentido escreveu novas cartas, que enviou, via Tarifa, numa zafra de mouros «amigos e num navio de dois bons seus servidores cristãos.

Antes, porém, de chegarem a Portugal as primeiras cartas escritas pelo Conde, houve aqui notícia do que se passava em Ceuta, por informações vindas de Tarifa; e como D. João I se achava então doente no Paços da Serra, não longe de Atouguia da Baleia, foram elas logo transmitidas aos infantes D. Pedro e D. Henrique e ao Conde de Barcelos, que, no temor dum propalado propósito de invasão castelhana, tinham sido enviados como fronteireros, respectivamente, a Vila Real, a Viseu, e a Bragança, e «*foi cousa maravilhosa — acrescenta Azurara — que o Infante Dom Enrique veio de Viseu aos Paços da serra em um dia e em uma noite, que são quarenta léguas*».

Nos Paços da Serra se lhe juntou o infante D. Duarte, ao qual o Pai ordenou «*que se fosse a Lisboa, e que fizesse aviar a frota, de guisa que estivesse prestes, que se o Conde escrevesse, ou ele soubesse, que os mouros aturavam seu cerco, que logo partissem para o socorro*». Os infantes vieram imediatamente para a capital, começando logo a equipar a frota, «*e em esto chegaram as primeiras cartas do Conde, como estava cercado*». Voltou então D. Henrique aos Paços da Serra para pedir a seu pai que o deixasse ir na frota de socorro, ao que

C¹) *Crónica do Conde D. Pedro*, Parte T, caps. 62.º a 80.º.

ele aquiesceu, determinando que também seguissem para Ceuta o Conde de Barcelos e vários outros fidalgos. Estava já tudo disposto para a partida, quando chegaram as segundas cartas de D. Pedro de Meneses, noticiando o levantamento do cerco e o conhecimento que tinha dos preparativos bélicos do rei de Granada, à vista do que o Infante D. Duarte decidiu enviar um socorro de seiscentos homens, ao mando de D. João de Noronha, e aguardar novas notícias.

A expedição teve tão boa viagem, que em três dias alcançou Ceuta, onde se lhe juntaram mais algumas forças, idas do Porto e do Algarve. Porém ao cabo de um bem folgado mês de estacionamento, sem que houvesse qualquer movimento de muçulmanos, levantaram-se murmúrios e por fim exigências de regresso; e só faltava que o vento se pusesse de feição, quando, decorridos poucos dias, apareceu enfim a frota de Granada, e o segundo cerco começou a ser intentado, sendo Ceuta atacada do lado do mar pelos granadinos e do lado de terra pela gente de Marrocos. Entretanto, o alcaide de Tarifa, tendo visto que progredia em Gibraltar uma activa preparação militar-naval, avisou disso D. João I, aconselhando-lhe que enviasse depressa socorro a Ceuta. «*El-Rei estava ainda nos Paços da Serra — esclarece Azurara — e tanto que o recado passou por Lisboa, logo os Infantes foram com el-Rei.* Ordenou este que se aprontasse com brevidade nova expedição de socorro; e isso se fez, indo nela como chefe o Infante D. Henrique, e com ele o Infante D. João. Quando, porém, a frota chegou a Ceuta, os sitiantes estavam em debandada, após catorze dias de combates.

Com os elementos fornecidos por Azurara tem-se procurado resolver a dúvida — 1418 ou 1419? — que o próprio cronista criou.

Em 1931, entendeu o Prof. David Lopes resolver a dificuldade dando Ceuta como cercada primeiro em 1418 e de novo em 1419 ⁽²⁾, mas os capítulos da *Crónica do Conde D. Pedro*, que citou em apoio dessa doutrina, e que são aqueles que deixo sumariados, não a abonam. Nove anos depois, o historiador Jordão de Freitas, num artigo consagrado ao problema do redescobrimento português das ilhas de Porto Santo e Madeira, com que colaborou no Congresso do Mundo Português, optou pelo ano de 1418, visto ter apurado pelos registos da *Chancelaria de D. João I*, que só naquele ano, e mais precisamente

^{!(2)} *História de Portugal*, dirigida por D. Penes, vol. III (Barcelos, 1931), pág. 393.

em Setembro, havia referência à estadia do monarca nos Paços da Serra ⁽³⁾. Quási simultâneamente, o Prof. Duarte Leite, incluindo na sua obra intitulada *Acerca da «Crónica dos feitos de Guiné»* a observação de que em 1419 e não em 1418, o dia 13 de Agosto foi domingo, deu os cercos como efectuados naquele ano ⁽⁴⁾. Por minha parte, ao publicar em 1949 a 1.^a edição da *História dos Descobrimentos Portugueses*, ative-me ao parecer de Jordão de Freitas, entendendo menos susoeptíveis de erro as referências de carácter pessoal e corográfico do que as indicações de natureza cronológica, em que aliás Azurara várias vezes claudicou *i* ⁽⁵⁾; e em 1960, na 2.^a edição da mesma obra, entendi reforçar esse parecer, dizendo ser possível imaginar que o tal «domingo 13 de Agosto», apontado por Azurara, seria de 1418, bastando para isso considerar que o cronista contara esse domingo à maneira náutica, desde as 20 horas do sábado anterior, cabendo assim a este a indicação numérica e portanto o ano de 1418; Azurara dissera *domingo 13 de Agosto*, aquilo que hoje diríamos, *domingo 14 de Agosto* ⁽⁶⁾, e bem poderia eu insistir nesse alvitre, como agora insisto, por tratar-se dum facto que nada teria de insólito, à vista dos muitos casos lem que a cada menção diária de ordem semanal se dava uma indicação numérica que pelo nosso sistema é a do dia anterior. Meia dúzia de casos, colhidos sem intenção de pesquisa exaustiva, mostrará claramente esse facto. Assim, por exemplo, os cronistas Rui de Pina ⁽⁷⁾ e Garcia de Resende ⁽⁸⁾ dizem que a prisão do Duque de Bragança foi efectuada *numa sexta-feira*, 29 de Maio de 1483; ora a concordância exacta do dia de semana e de mês é sexta-feira 30 de Maio. No manuscrito do Diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, atribuído a Álvaro Velho e fielmente reproduzido em suas primeiras edições, diz-se que a frota chegou ao Rio do Cobre *numa quinta-feira que eram 10 de Janeiro*, que partiu dos ilhéus de São Jorge *num sábado 30 de Março* e que as terras da Índia foram avistadas *numa sexta-feira 17 de Maio*; mas aquela quinta-

⁽³⁾ *Madeira, Porto Santo e Deserta, ilhas que o Iniante D. Henrique «novamente» achou e povoem*, mo vol. III, tomo I, págs. 169-1170, dais \pufal. do Congresso do Mundo Português)(1940).

⁽⁴⁾ > Pág. 125.

⁽⁵⁾ pág. 57.

⁽⁶⁾ i Pág. 69.

⁽⁷⁾ i *Crónica del-Rei D. João II*, cap. XIV.

⁽⁸⁾ *Crónica dos valerosos e insignes feitos del-Rei D. João II*, oap. 44.º.

-feira, esse sábado e esta sexta-feira foram, respectivamente, 11 de Janeiro, 31 de Março e 18 de Maio.

Tal era o estado do problema quando, em 1961, o Dr. Luís Ferrand de Almeida amavelmente chamou a minha atenção para uma nota analística concernente ao assunto, que se lhe deparara ao percorrer, com outro fim, o manuscrito da Cartuxa de Évora, publicado por Gabriel Pereira no vol. 3.º dos *Documentos históricos da cidade de Évora*; e da qual o teor é o seguinte q «Era de 1457, segunda feira nove dias d^l Outubro, oras de terça, foi descercado Cepta por o infante Dom Anrique, e por o infante D. João e por o Conde de Barcelos e foram mortos e presos até três mil mouros pouco mais ou menos».

Alertado por esta informação, procurei verificar se nos chamados *Anais quatrocentistas* de Santa Cruz de Coimbra, manuscrito que se guarda na Biblioteca Pública Municipal do Porto l⁽⁹⁾, e que com aquele tem tanta afinidade, haveria alguma correspondente notícia; e de facto, lá se encontra a seguinte: «Era de mil iiij.⁰⁸ lbij annos no mes de Setembro veio a este Rei recado que jaziam sobre esta cidade de Cepta muintas gentes de Bellamarim e de Graada per mar e per terra, e mandou logo la tres seus filhos, o Iffante Dom Anrique e Dom Joham e o Conde Dom Afonso. E os mouros nom quiseram batalhar, e foram mortos déliés ataa mil e oitocentos e presos viij⁰⁸».

À vista do que dito fica, é evidente estar o problema carecendo nova análise. Eis o que vou passar a fazer.

Em primeiro lugar trarei ao debate um passo de Azurara, sobre o qual nunca incidiu a atenção dos historiadores, e que confirma a data 1418 como sendo a dos cercos, nota a que atribuo especial valor probativo, por ter saído da pena do cronista espontaneamente, sem qualquer preocupação de ordem cronológica. Trata-se do trecho em que o cronista, narrando no cap.⁰ 80.º da 1.ª parte da *Crónica do Conde D. Pedro* o 'desbarato das forças granadinas em que desfechou o segundo cerco, emitiu, para acentuar o enfraquecimento delas, a opinião de que, «se o rei de Castela, em aqueles dias tivera idade e força para conquistar o Regno de Granada, bem o poderá fazer». Se o rei de Castela tivesse idade, frase em que indubitavelmente Azurara aludia à menoridade de D. João II; mas tessa menoridade só veio a cessar quando, em 7 de Março de 1419, as Cortes oele-

l⁽⁹⁾ íTtexto publicado por (Antonio 'Cruz em *Santa Cruz de Coimbra na cultura portuguesa da Idade Média*, Porto, 1964.

bradas em Madrid o proclamaram maior. Assim, a alusão só teria cabimento quando referida a 1418.

Vejam os agora, finalmente, em que medida podem prevalecer, contra afirmações tão categóricas e factos tão concretos, como o de estar D. João I nos IPaços da Serra por ocasião dos cercos, as referências analísticas que deixei transcritas; essa prevalência haveria de considerar-se absoluta, realmente, mas só se pudessem considerar-se de todo isentos de inexactidões os manuscritos que as contêm. Não é esse, porém, o caso, pois não faltam até erros cronológicos nessas páginas.

Com efeito, e mesmo sem as minuciosas pesquisas que oportunamente me proponho fazer, posso já apontar, quanto ao texto eborense, como erradas as datas da batalha do Salado, da invasão de Portugal por Henrique II de Castela em tempo do nosso D. Fernando I.^o e as do falecimento daquele monarca e do papa seu contemporâneo; e quanto ao texto conimbricense creio que por agora bastará apontar alguns erros verdadeiramente clamorosos, quais os do dia, mês e ano da conquista de Santarém por D. Afonso Henriques, o do ano da de Lisboa pelo mesmo monarca e o da batalha de Ourique; isto sem contar com outros, como o do ano da primeira reconquista do castelo de Leiria, e do dia da morte de D. Pedro, e os ainda possivelmente reveláveis. Acrescente-se ao já dito um curioso caso de erro e confusão, curioso sobretudo por dizer respeito à data da conquista de Ceuta. A este respeito lêem-se nelie as seguintes indicações: «*Era de mil iiij⁰⁸ liij [1453 = 1415] no mês de Julho. Em dia de Santiago partio el-Rei Dom Joham de Lixhoa sobre Cepta e logo a hita quarta xx dias d' Agosto a filhou de salto pela almeria*». A este texto outra mão acrescentou, na data, um R entre as centenas e a dezena, alterando a era para 1493 ■ [= 1455], e, no fim, como que em esclarecimento, isto: «*tomou-a em dia de Sam Bernardo*», fazendo de tudo uma trapalhada. Com efeito, Ceuta foi tomada numa quarta-feira, 21 de Agosto, e o 'dia de S. Bernardo é 20 de Agosto; o primeiro escriba disse 20 de Agosto aquilo que dizemos 21 de Agosto, e este é mais um caso de datar com antecipação o dia da semana; o segundo, não reparou nisso, ou não sabia do caso, e deixou assinalada para a posteridade a tomada de Ceuta em 20 de Agosto, e não, como ela realmente o foi, em 21 de Agosto.

Tanto o manuscrito da Cartuxa, como o de Santa Cruz, são escritos tardios, redigidos já ao findar o terceiro quartel do século XV,

senão depois; isto é, quanto a Ceuta, um semi-século após o desenrolar dos cercos. Serviu-lhes certamente de fonte o mesmo tardio texto narrativo de que se utilizou Azurara ao alterar para 1419, na Segunda Parte da *Crónica de D. Pedro de Meneses*, as datas dos sucessos que na Primeira fizera corresponderem a 1418.

É -certamente a esse texto que ele alude ao indicar a data 1419, dizendo-a haurida em «escritos daqueles que primeiramente tomaram *cuidado de porem estes feitos em nembrança*»; esquecia-se porém, então, de que, ao apontar anteriormente a data de 1418 como do começo das operações assediadas, se louvara nas afirmações dum certo Comendador, do qual dizia ter sido quem «*primeiramente esta história ajuntou e escreveu*». Ora esse Comendador era aquele Gonçalo Velho, que veio a notabilizar-se como colonizador de parte dos Açores, mas que, por ocasião dos cercos, foi combatente de Ceuta, e portanto contemporâneo, mesmo testemunha, dos factos que narrou, e de que Azurara se serviu.

Assim, ao passo que, nos dizeres de Azurara, as afirmações de factos atribuíveis a 1418 resultam do depoimento duma testemunha deles, pessoa até participante neles, os que alteram para 1419 esses mesmos factos, só aparecem em textos analísticos de siegurança muito discutível, ou nas páginas de Azurara com alusão a escritos de autores que ele próprio não identifica.

A meu ver, portanto, a discutida data dos cercos de Ceuta é 1418 e não 1419. Ela confirma aliás a afirmação do mesmo Azurara, que na *Crónica dos feitos de Guiné*, disse terem ido Zarco e Teixeira para a ilha do Porto Santo, *após o descerco de Ceuta*, demorando-se nela um ano ou pouco mais, e passando em 14210 para a vizinha e grande ilha da Madeira. Até prova histórica irrefutável que contrarie a data que deixo defendida, essa é, e será, a posição que assumo no discutido problema cronológico dos cercos de Ceuta: 1418.